



ESCRITORIO DA REDACÇÃO  
RUA DAS TRINCHEIRAS  
NUMERO 34.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE MENSALMENTE A  
RAZÃO DE 200 RS. PAGOS  
NA ENTREGA.

*De Deus é maldição a ignorancia  
Nas azas da instrucção ao céu subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

REDACTORES — OLIVEIRA ESCOREL E HENRIQUE CAPITOLINO.

O ENSAIO

RECIFE 15 DE OUTUBRO DE 1875

Agora que, em nosso jornal, abrimos espaço a um artigo de idéas republicanas, sentimos a imperiosa necessidade de manifestar publicamente as nossas idéas relativas á politica, para desviar de nós, em quanto é tempo, qualquer censura que por ventura para o futuro houvessem de nos fazer.

Um artigo inserto no numero passado do nosso jornal e que tinha por titulo — *A imprensa academica e o Brasil* — e no qual o articulista se manifestava em opposição á causa republicana, que com tanto ardor e constancia tem sido advogada pelos jornaes academicos, deu lugar a que outro nosso collega nos enviasse o artigo que abaixo publicamos, defendendo a idéa atacada e mostrando a necessidade de sua realisação, agora que o paiz perdeu toda a crença na monarchia, e que os partidos actuaes se mostram impotentes para a regeneração da nossa patria.

Depois de fazer um ligeiro esboço das torpezas e indignidades, que tem praticado entre nós o governo monarchico, conclue o articulista desejando para o Brasil a republica, como meio para sua salvação e felicidade. Nós, porém, que inserimos nas nossas columnas este artigo, para que não se diga que partilhamos as mesmas idéas, que somos defensores dos mesmos principios, porque realmente não o somos, visto como consideramos á republica incompativel com o estado de servilismo que ainda hoje se nota no povo brasileiro, declaramos que

o nosso periodico não tem côr nenhuma politica, não se diz orgão ou defensor deste ou daquelle partido.

Nós, como moços amantes do progresso e felicidade de nossa patria, só temos em vista uma idéa — a civilisação; somos soldados e militamos debaixo de uma bandeira, cujo moto é — sciencia, e por consequente liberdade e justiça. Somos apologistas e defensores de qualquer idéa, com tanto que della resulte o progresso e felicidade dos povos.

Não nos declaramos em favor do governo monarchico, assim como não estigmatizamos o republicano.

Applaudimos aquelle, sempre que tiver por norma de seus actos a justiça e a equidade, e não como no Brasil, onde é lei a vontade despotica e caprichosa de um homem, que se esmera em aviltar-nos, calcando aos pés a nossa Constituição, que elle deveria ser o primeiro a respeitar; louvamos este, isto é, o governo republicano, sempre que trazer ao povo a paz e a felicidade, e não a anarchia e a licença.

Em summa queremos a liberdade, mas uma liberdade pautada pelo direito e justiça.

Censuramos o governo do nosso paiz, não porque seja monarchico, pois que isto ainda é uma necessidade, mas porque a pusilanimidade de alguns de nossos homens politicos o perverteu, tornando-o absoluto e despota.

Em summa applaudimos tudo quanto é nobre e grande, venha d'onde vier.

Feita esta declaração, passamos a fazer uma observação sobre a liberdade de cultos

desejada pelo articulista a que nos referimos.

Nós pensamos que a liberdade de cultos considerada em si mesma, isto é, de um modo absoluto, é um mal, porque suppõe verdadeiras todas as religiões, visto como o homem não deve querer o erro sabendo que o é; todavia admittimol-a em sentido relativo, isto é, todas as vezes que no espirito de um povo já se ache effectuada a divisão de crenças. Aqui temos o caso de tolerar-se um mal, para evitar outro maior.

Assim, portanto, approvamos a medida tomada nos Estados-Unidos quanto á liberdade de cultos, não porque ella considerada em si seja boa, mas porque a diversidade de crenças abraçadas pelo povo, torna esta medida necessaria e util.

Já se vê, pois, que, se para o Brasil militar as mesmas circumstancias, a mesma deverá ser a medida.

Feitas estas observações, podemos entregar ao juizo dos leitores o escripto seguinte.

#### A MOCIDADE E A REPUBLICA

Um dia, depois do anno sinistro de 1868, o povo brasileiro teve uma terrivel convicção: não era livre, como lhe diziam. Desvaneceu-se-lhe a fé na monarchia, e o partido republicano ergueu-se por todo o paiz e cresceu espantosamente. Muito coração de patriota sentio-se entusiasmado, e a consciencia democratica deste povo renasceu do torpor á que o condemnara o imperialismo constitucional.

A mocidade correu á alistar-se na bandeira historica de suas crenças, e pelo orgão da imprensa rompeu com as tradições dos dous partidos. ]

O impulso dado então continuou ainda. O povo, confessam Gregos e Troyannos, é indifferente á esta comedia de constitucionalismo: foi-se-lhe a crença no passado, e a idéa republicana invadiu-lhe o espirito desabusado de tantas promessas da realza.

Em quanto desmorona-se o edificio monarchico, preparemos os alicerces do futuro templo da republica do Brasil.

Esta realza ha de cahir, dil-o sua historia: a onda democratica do seculo ha de alluil-a, estejamos certos. O que tem feito ella?

Dóe-nos sempre recordar o passado e pensar no presente de nossa patria. E' tão diverso o que é do que devêra ser! Contrista nos, á nós moços, seus filhos, vêr tanta semelhança com os tempos degradantes da Roma imperial, do Baixo Imperio.

Tanta miseria, tanta escravidão em face de tanta grandeza, de tanta altivez.

Quando os primeiros talentos deste paiz curvam-se todos á vontade cesariana, quando todos passam pelo throno mendigando o infallivel — *ave, Cesar* — é preciso muito patriotismo para não soltar uma risada de escarneo ante tudo isso.

A realidade tão negra quando tão bella poderia ser!

Quem, de boa fé, pode acreditar nos homens politicos deste paiz? Podem-se encontrar um liberal e um conservador sem que tacitamente se não riam da farça que representam a este povo?

Uma fatalidade terrivel pesou sobre nossa patria desde os seus primeiros dias. O periodo constitucional tem sido um immenso sophisma, um assassinato á sangue frio de tudo o que é bello e grande n'um povo.

Sucedem-se os partidos, revezam-se as politicas, vem as reacções, os vencidos triumpham, morrem os homens, rebentam as revoltas, surgem novas gerações, correm-se os annos, e tudo isto só faz crescer o despotismo politico. Sempre a mentira, sempre a corrupção, sempre o servilismo, cada vez mais audazes, mais insolentes.

Accusa-se o poder pessoal. Quem o alimenta? Será somente a vontade omnipotente do monarcha? Não, é a subserviencia dos partidos.

O Sr. D. Pedro II. como o Cesar antigo, ha de exclaimar-lhes: *Oh homines ad servitutem paratos!* Deve enjoar-lhe tanta falta de consciencia, tanta submissão; e o desprezo a todos trara como corollario o desejo de elevar sua personalidade.

E demais o imperialismo é mais que um poder constitucional, é a alma da constituição.

Quizeramos ser benevolos ao partido liberal; suas idéas são as nossas, seus martyrios nos tocam, somos todos da democracia. Mas, somos francos, não acreditamos em sua sinceridade; suba ao poder, e seu liberalismo se ha de evaporar pela farda ministerial. Que garantias nos dá elle? Mesmo agora não illude o povo com a tal eleição directa censitaria, essa idéa conservadora, que nos ha de levar ao abysmo da França orleanista?

Não perdemos, porém, a esperanza de vê-lo voltar-se á democracia pura, de tornar-se republicano. Deixe-se de palavões, como realza americana. Isso de americanismo n'uma monarchia de direito divino, de poder moderador, de throno e sceptro, é pura ideologia.

Já o Sr. Silveira Martins o confessou: — eu já não tenho fé nas instituições. —

O partido conservador faz nos envergonhar: é um puro corriho sem crenças, nem bandeira. Um dia a posteridade, assombrada de tanto cynismo, ha de saber indignada que um deputado conservador, em pleno parlamento, interpellado pela tração a suas idéas, disse: — *Primo vivere, deinde philosophare!!!* Isso dá a medida de uma situação.

Assim, continuar no *statu quo* é levar o paiz ao desespero, ao abysmo.

Nós somos pela republica. Queremos o suffragio universal, o direito popular legitimando o poder publico pela influencia directa em seus actos.

Queremos a liberdade de cultos, a livre manifestação do pensamento por meio do templo, da palavra e da imprensa.

E não basta a reforma politica, queremos tambem a reforma social, a regeneração das classes populares, a protecção do pobre contra a avidez do rico, a igualdade de todos perante a lei.

Havemos de triumphar. Com a fé de moços cremos no futuro desta terra regada pelo sangue de nossos martyres, banhada pelo suor de nossos pais.

Este povo ha de ser livre quando a bandeira republicana tremular do Amazonas ao Prata.

Saudemos o sol da republica que desponta em nossos espiritos, como prenuncio da aurora do progresso, da fraternidade brasileira.

Quando as instituições actuaes forem moribundas, elle surgirá sereno e bello de nossas consciencias, para se reflectir e dar vida ás instituições de então.

Nesse dia podemos rasgar o véo de estrangeiros que nos cobre aos olhos da America, e, apontando para os destroços da realza, dizer-lhe: — Tambem somos americanos, tambem somos republicanos.

Descançemos então de tantas lutas e cuidemos mais da prosperidade deste estremecido Brasil.

## DESPRETENCIOSA APRECIACÃO DO ROMANCE DE G.

M. — A SEMHORA — POR A. J.

A penna, que tem tantas vezes enriquecido o album nacional com o desenho bello e delicado das imagens redivivas de *Diva*, *Carlota* e *Luciola*, vem ha pouco de moldar nas paginas da *Senhora* um raro monumento de litteratura.

O autor da *Senhora* é sempre o mesmo dos antigos tempos de mocidade e vigor!

Todas as paginas, que sentem o peso da sua penna rica e fertil, parecem haurir insaciaveis esse perfume doce e inebriante de melodia e belleza, que é a essencia das imaginações impregnadas do bafejo divino.

E no juizo assim expellido é escusado o labor do *bairrismo* ou da lisonja; todas as vezes que o elemento essencial da sua formação não é outro senão o conhecimento consciencioso de uma verdade resultante do acontecimento dos factos.

Passemos á apreciação — ligeiramente como nos é possível.

A concepção da *Senhora* é uma das empresas mais elevadas e difficeis, que porventura possa crear a imaginação poetica do litterato; e a sua conveniente realisação faculta o mais nobre titulo de felicidade para o autor, que é por certo um emprehendedor intimo, e um investigador minucioso.

A *Senhora* é a narração mais ou menos completa desse sentimento que se chama—amor—; a qual, partindo desde a sua origem exclusiva de qualquer premeditação, e seguindo-o em todas as suas vicissitudes acres e caprichosas, focalisa o fio descriptivo lá naquelle termo invisivel e ideal, que, longe de ser a finalidade do amor, é pelo contrario a sua mais doce e feliz manifestação.

Se a existencia de outros titulos inabalaveis de merito e celebridade não permanecesse ao abrigo do reconhecimento nacional, bastaria a simples enumeração da concepção da sua producção, para admirarmos no autor a profundeza da sua intelligencia, a intimidade da sua observação penetrante, e os interessantes torneios da sua poetica imaginação.

A brilhante formosura de Aurelia atrahia junto á si toda essa multidão de mancebos ricos e folgazões, que disputavam-se, no auge do seu furor *leonino*, a fraca presa, que era tambem a pallida victima de uma misera pobreza.

Aurelia, porém, sacrifica a sua honra, unica religião da mulher, uma existencia amarga de soluços e lagrimas, que a mão nervosa dos seus apaixonados pretendia estancar pelo brilho do ouro.

O autor da *Senhora* revela então um perfeito conhecimento do coração humano!

O heroismo, que sobresahe do procedimento de Aurelia é a mais viva manifestação de um anheilo ardente que enche o coração da mulher, sequioso de uma vida aromatizada por essa emanção celeste que se chama — amor.

A mulher é altamente ambiciosa; mas é essa ambição que sustenta os seus passos em uma vida cheia de sacrificios.

Aurelia ainda não amava; e com todas as forças segurava o seu coração para não pedir ao dinheiro o indigno despertar de um sentimento, que até então estava adormecido.

Vivia o coração de Aurelia essa vida de mudez e abandono, quando dentro d'elle repercutem os sons melodiosos de uma visão ideal.

Seixas é o mancebo, que tem o poder de despedir de si os raios fulgidos e penetrantes, que vão bater o peito virgem da moça; o qual abre se em uma louca expansão, deixando correr dessa ferida o sangue limpo e puro do primeiro amor.

Oh santa emanção de Deus, que diffunde no coração humano esse sentimento immaculado pela fatalidade da sua origem, e sublime sem a premeditação, nem o interesse!

Seixas era um pobre empregado!

Mas o quê que seja existia em suas qualidades, que

fazia-lhe enxergar uma fatal separação entre elle e Aurelia.

Mancebo de traços finos e elegantes, maneiras delicadas e aristocraticas, talento promettedor, caracter de sizuda probidade, Seixas tinha aspirações muito esperançosas, para que ellas podessem abraçar tão somente o vulto esguio da pobre Aurelia.

Se Seixas amasse, o calculo frio e compassado não teria invadido o seu espirito egoistico. Mas... Seixas não amava.

E Aurelia procurava occultar, sob as gargalhadas ruidosas de uma bacchante, os longos gemidos, que partiam de um peito em que parecia adormecer um amor infeliz.

Terrivel sorte a de quem fica reduzido á acalantar um amor ardente e apaixonado no frio e lugubre silencio de um coração amortecido!

Apenas uma lagrima ardente e perenne, que banhava as faces de Aurelia, era a mais viva transfusão do sentimento que enchia o peito da pallida virgem!

Ao depois o autor da *Senhora* inventa o apparecimento de uma dessas portentosas transformações, cujos resultados são sempre oppostos ao estado do individuo ou da sociedade, que as experimentam; e o reverso do quadro nos apresenta, não Aurelia, a pobre costureira da humilde casinha, mas Aurelia, a sumptuosa palaeana.

E' então que o illustre litterato manifesta com admiravel pericia os bellos mysterios de um amor, que a desgraça parecia haver condemnado eternamente ao custoso sacrificio de um passa-tempo.

Da queda, que o prostrara, ergue-se o amor de Aurelia, tremulo de uma colera intima e silenciosa, e incompreheensivel pelos torneios caprichosos da loucura.

Das ruinas, que cobriam o seu throno, levantava-se o tyranno para impôr leis arbitrarías ao debil coração de Aurelia.

E quem nos diz, que o coração da mulher não é nimamente largo, que possa abranger a sua propria cabeça?

A personalidade de Aurelia conservava-se assim sob a pressão de um amor, que, perdendo a ternura primitiva, parecia converter-se nesse escarneo vingador de perversidade cynica.

E' na descripção desse amor tyrannico e caprichoso que expande-se prodigiosamente a rica e feliz imaginação do autor da *Senhora*!

Se Seixas sacrificava o amor, que Aurelia lhe offerecia tão espontaneamente, á esperança de um futuro mais vantajoso, Aurelia realisa os sonhos do moço aristocrata, entregando-lhe cem contos de réis e uma mulher!

Esta mulher era a propria Aurelia, cujo vulto nobre e erecto aterrava Seixas diante da sua venda infame.

O sorriso perenne de escarneo, que transluzia dos labios de Aurelia, parecia a erupção de algum volcão, que incendiava as faces do moço vendido.

Omittindo varias passagens, em que a imaginação do autor da *Senhora* desenvolve toda a seiva de sua feundidade, ja é tempo de fazermos a synthese expressiva da vida, que levaram os dous noivos.

O moço vendido soffria com resignação obrigada todos os resultados, que lhe deixava a abdicção da sua liberdade.

A *Senhora* procurava todos os dias imprimir em sua presença a força vigorosa do acre epigramma atirado ás faces do escravo.

De novo o autor da *Senhora* dá-nos provas evidentes dos profundos e difficeis conhecimentos, que elle tem, dos segredos do coração humano, creando a subita transformação da scena, que acabamos de observar.

Vimos que o amor de Aurelia, brando dessa ingenuidade primitiva, revoltára-se contra o seu oppressor com uma inflexibilidade rigida.

A tortura, porém, que elle inflige á Seixas sem piedade, nem treguas, parece já ter enchido a propria vingança, que o irritara.

E' que o amor é sempre o amor!

E o autor da *Senhora* sempre grande em suas emprezas magestosas!

A oppressão, que soffrera o amor de Aurelia em sua manifestação expansiva, o acabrunha e o irrita; mas o autor da *Senhora* nos apresenta succedendo a essa irritação a doçura meiga do primeiro amor, resuscitando em um beijo de fogo, que animava aquellas duas almas em um abraço convulsivo.

O influxo, que o coração de Aurelia soffrego recebera dos labios de Seixas, trouxera-lhe esse abandono morbido, que precede ao sonho placido e doce das visões aureas.

E o autor da *Senhora* sobrepõe á sua obra uma corôa de merito inestimavel, nos apresentando a regeneração, que Seixas experimentára do supplicio, a cujo poste elle vivêra jungido, purificando o seu coração, que em uma vertigem de prazer absorvia toda a seiva do primeiro amor.

O autor da *Senhora* finalmente nos mostra Seixas e Aurelia, de mãos unidas, entoando, na harmonia dos anjos, a suavissima canção da sua ventura, que é a ultima estrophe do poema do amor!

Temos necessidade de concluir; e concluimos soltando um grito entusiastico de admiração e respeito ao autor da *Senhora*, que é o primeiro litterato brasileiro — José Martiniano de Alencar!

**P. S.** — A obra, que analysamos, foi considerada não somente debaixo do ponto de vista da concepção litteraria.

O espaço, que nos cabe, é muito pequeno, para que não fizéssemos abstracção da fórma verbal, que reveste o romance de G. M.

Ella é assaz conhecida dos leitores; e essa consideração repara a falta, de que porventura se nos quizesse accusar.

Quanto ao genero de imagens, de que serve-se o autor para colorir a sua obra, elle é por demais conhecido tambem. Quem ignora que José de Alencar seja um litterato, essencialmente brasileiro, assim como Gonçalves Dias foi o poeta essencial desta terra?!

Não nos dirigimos aos positivistas modernos; porque a sua persistencia nessa opinião impossibilita entre nós qualquer conciliação.

Somos ainda muito moço para que nos deixemos levar pelas bellas theorias, que por ahí correm, inspiradas no positivismo, que é, como alguém o disse, o materialismo disfarçado.

Escrevemos para os leitores benevolentes, de quem esperamos o perdão para a falta de minuciosidade, que porventura sobressaia em nossa tosca producção.

Salve-nos o qualificativo que a baptizou.

## HISTORIA PATRIA

### ESBOÇO HISTORICO DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

POR

H. C.

#### PARTE PRIMEIRA

(Continuação)

#### CAPITULO V

INDOLE E COSTUMES DOS INDIOS.

Muitas foram as tribus que habitavam o continente Sul-Americano na época de sua descoberta, das quaes ainda restam algumas que, menos barbaras, habitam diversas paragens do interior.

E' curioso e muito curioso o estudo minucioso de seu viver errante por estas matas gigantescas, de que eram senhores e unicos possuidores, da vida ociosa que passavam, embalando-se nas redes suspensas aos

ramos das arvores, tendo a seus olhos o painel mais sublime que a natureza, em todo o seu esmero, prodigalisou ao mundo.

E' bello e ao mesmo tempo pavoroso o aspecto que apresentavam as suas tabas ou aldeas, cercadas de trincheiras construidas de grossas madeiras, em cujas portas se viam as caveiras dos inimigos que haviam morto.

Admira até que ponto subia o seu valor e coragem no campo da guerra, as astucias de que se serviam para vencerem os inimigos e a resolução e intrepidez com que ao toque do *inubia*, seu instrumento marcial, e dos *maracás*, accommettiam os inimigos, encarando com firmeza os maiores perigos e até a propria morte.

Descrever com minuciosidade a vida e caracter destes homens, é por demais curioso; todavia este trabalho, alem de exceder as nossas forças, está fóra do nosso programma, portanto limitar-me-hei apenas a dar uma ligeira noção da indole e costumes dos que habitavam a provincia de Pernambuco.

Estes eram os *Cahetés*, tribu de indios ferozes, que se distinguiam dos outros por uma especie de canôa de que usavam, e os *Tabayares* da mesma familia, porém menos ferozes e por conseguinte mais trataveis.

Além destes habitavam as costas da Parahyba, que neste tempo pertenciam em parte a Pernambuco, os *Pitiquarés*, uma das tribus mais cruéis.

Estes indios viviam em estado de completa nudez, pintando o corpo de diversas cores, com especialidade a vermelha, e em occasião de festas aformoseavam-se com a variada e rica plumagem de nossas aves, que pregavam com resina na cabeça, na cintura, nos joelhos e acima dos pés, e traziam pendentes do pescoço um colar de dentes dos inimigos que cada um delles matava.

Não satisfeitos do aspecto horrendo que apresentavam seus corpos pintados, elles ainda retalhavam a face, furavam os labios, com especialidade o interior, e nos buracos introduziam pedaços de ossos, de pau e de pedras.

Para com seus doentes eram zelosos e dedicados, mas quando se esgotavam os recursos de sua medicina agreste, e por conseguinte perdiam a esperança de que elles recobrassem a saúde, então apressavam-lhes a morte para evitarem maior soffrimento, ou então os abandonavam inteiramente.

Depois de mortos eram chorados pelos parentes e amigos e enterrados com suas armas, alimentos e bebidas.

A abominavel antropophagia predominava entre os *Cahetés* e *Pitiquarés*; assim é que um prisioneiro de guerra era comido depois que o engordavam, precedendo á esta barbaridade uma festa não menos barbara, em que dançavam, cantavam em torno do martyr e recordavam as acções dos seus antigos guerreiros, insultando e escarnecendo da victima que, amarrada, esperava resoluta o momento supremo.

Elles não unham religião perfeita, todavia tributavam respeito ao sol, a lua e ao trovão, e mostravam ter noção de uma vida futura, porque quando morria algum dos seus chefes enterravam com elle suas armas e prognosticavam-lhes uma vida feliz nas *montanhas azues*, segundo elles diziam.

Suas armas eram o arco e as flechas, que envenenavam quando queriam produzir a morte mais repentina, e juntavam á ponta algodão inflamado quando queriam incendiar as cabanas e casas para onde as arremessavam. Tinham tambem, além de outras, o *tacape*, arma terrivel com que se serviam em occasião de combate corpo á corpo, já como arma defensiva, já como offensiva.

Havia entre elles os pagés, especies de sacerdotes feiticeiros, a quem tributavam o mais profundo respeito e cega obediencia. A' elles consultavam antes das suas expedições e combates, e resolutos seguiam os seus conselhos.

Quando eram offendidos por algum dos indios, condemnavam-n'o á morte, e era tal a influencia que gozavam entre elles, que immediatamente o condemnado se recolhia á cama, até que a fome o matasse.

A habitação destes indigenas compunha-se de

cabanas dispostas em aldeias, a que como já vimos chamavam tabas, e as quaes abandonavam apenas escasseava os fructos, a caça e a pesca.

Suas noções acerca da familia eram muito obscuras, todavia elles respeitavam os tres grãos de parentesco, mãe, irmã ou filha, com as quaes não se podiam casar.

A condição da mulher indigena era semelhante a da escrava; assim é que, além das plantações á que se destinavam, fabricavam tambem a farinha e objectos de uso domestico, como sejam redes, cordas, vasos de barro, cuias, etc., e nas mudanças serviam para carregarem os filhos e estes mesmos utensilios.

Quando solteiras eram o objecto da libertinagem e devassidão dos jovens indigenas, á quem seus proprios pais as entregavam; casadas, porém, eram obrigadas a serem fieis a seus maridos, e no caso de commetterem adulterio eram condemnadas á morte, cuja pena tambem se applicava aos homicidas.

Taes são os principaes traços característicos destas nações selvagens.

(Continúa.)

## FOLHETIM

### O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTA PERIODICO.

#### PARTE I

(Continuação)

#### CAPITULO III

##### O AFOGADO.

La-se aproximando a noite, o céu era negro, chovia a cantaros. Marcello, lembrando-se da promessa feita a Decio Fulvio, sabia de casa em demanda de sua habitação; antes, porém, quiz assistir a um festim, que um de seus amigos mandára preparar em uma taverna ao pé do monte Capitolino e quasi no caminho Argilete.

As tavernas, longe de serem lugares de ajuntamento do baixo vulgo, antes eram pontos de reunião dos patricios, que ahí chegavam em festivos sequitos. Além disto, serviam de mercado aos vendedores de frioleiras, que ahí commerciam com abanicos de pennas de pavão, leques de ambar, e outros objectos insignificantes.

Marcello seguia apressadamente, afim de abrigar-se logo da chuva, e não tardou muito a chegar defronte da taverna, a qual estava aclarada por um resinoso archote, que ardia sob o *oculi-serium*, especie de bandeira em que se achavam pintadas com vivas côres as comidas preparadas na taverna. Marcello abriu as rotulas semi-cerradas de uma pequena porta estreita e baixa, e entrando em uma camara pequenissima, foi saudado por muitas vozes de alegria.

— *Prosit*, amigos, disse Marcello, assentando-se á mesa, repleta de muitas ignuarias.

Cinco mancebos irreflectidos, como Marcello, estavam sentados á mesa; e por especial capricho, vestiam como os homens do povo.

Uma lampada de bronze, pendente do tecto e presa á uma cadeia de ferro, reflectia seus raios sobre os rostos dos convivas, que a intemperança tornára pallidos e desfigurados.

— Ao lugar de honra, destinado ao autor do festim! exclamaram os patricios, mandando que Marcello tomasse o lugar distincto, isto é, aquelle cuja parte

vizinha não estava occupada, pois dos tres lados somente os commensaes rodeavam a tavola.

Marcello obedecen sorrindo; depois, com affectada gravidade, empunhou uma taça transbordante de vinho da ilha de Creta, e, esgotando-a, accrescentou:

— Bem me cabe a honra, que acabaes de fazer-me; um sabio como eu o merece.

— Haviamos te collocado aqui, afim de que possas cahir mais commodamente, quando os vapores de Baccho te subirem ao cerebro, disse um dos patricios, cognominado Epicuro.

— Quanto á isto, enganas-te, amigo; porquanto, esta noite devo deixar-vos com a cabeça no seu lugar.

— Que importante negocio te espera? perguntou Epicuro.

— Tenho de ver um fabricante de discursos, um philosopho christão; e fôra para rir, si á elle me apresentasse cambaleante.

— Vinho á Marcello, afim de que elle dê assumpto ao philosopho para fazer um discurso a Demosthenes sobre a intemperança! bradou um dos libertinos.

Os copos cruzaram-se, os mancebos ociosos beberam a mais não poder; pouco a pouco entregaram-se á uma alegria phrenetica. Todos riam forçadamente, e fallavam em alta voz; qual declamava uma satyra de Horacio, qual um verso de Ovidio, qual, entornando o liquido na cabeça do vizinho, quebrava as taças e as amphoras.

— Gozemos da vida, amigos; embriaguemo-nos de prazer! Gozemos, pois que tudo acaba ao antolhar-se a morte, e depois espera-nos a nada. Platão foi um fautor de chimeras, e os philosophos mentiram quando fallaram da immortalidade d'alma.

— Epicuro emudeceu, e ao mesmo tempo, sem que ninguem atubasse com o motivo, ouviu-se um forte rumor; depois reinou na taverna a mais perfeita escuridade.

Os commensaes, querendo evadir-se, derribaram as cadeiras sobre que estavam sentados; e, amedrontados todos, não sabiam o que havia succedido. Para logo acudio o dono da taverna com os criados, e a luz de seus archotes vio se Epicuro, que jazia no chão, aturdido por um golpe violento, que lhe ferira a fonte; o glotão, ao gesticular, fizera cahir a lampada de bronze, que o ferira gravemente.

Attonitos contemplavam os patricios o seu amigo com olhos espantados, e Marcello era o mais estupefacto de todos; parecia-lhe que o pavimento tremia de baixo de seus pés, e que o tecto oscillava antes de cahir; faltava-lhe a respiração, e, carecendo de ar, precipitou-se fóra da taverna. A cena, de que fóra espectador, o vinho, que belêra, perturbavam de tal modo as suas idéas, que elle já não sabia mesmo em que mundo estava; o ar fresco da noite, longe de attenuar lhe a embriaguez, lh'a augmentava; sem embargo disto, elle queria tornar para a casa; mas as pernas não obedeciam á sua vontade, fazendo-o cambalear de um lado para outro do caminho.

Longo tempo errou o desgraçado nas trevas da noite, sem deparar com uma piedosa mão, que o guiasse, pois que as victimas da intemperança despertam mais desprezo de que compaixão.

Finalmente chegou á ponte Palatino, e não lhe sendo possivel proseguir mais, porque os joelhos se lhe curvavam, encostou-se ao parapeto; não sem custo, ahí trepou, afim de accommodar se, e com a estulticia do ébrio adormeceu sobre a borda do precipicio.

A noite estava tão escura, que nada se distinguia, e Marcello havia mais de uma hora que dormia um sono irrequieto, quando passou um transeunte pelo meio da ponte; quasi no momento em que elle se avizinhava ao patricio, um relampago rasgou as trevas.

— Já passou, disse o desconhecido, chegando-se á Marcello, e no acto de estender-lhe a mão para acordá-lo, eis que o joven, virando-se de um lado, cae no Tibre.

(Continúa.)

## CANTO DA MADRUGADA

( D. LUIZ RIVERA )

Desponta a matutina  
Luz pura e vaporosa,  
Fingindo assim de purpura  
O firmamento e o mar ;  
E tu... dormes tranquilla !  
Suspiro, e tu... não me ouves !  
Desperta, virgem candida,  
Quero-te ver e amar.

A brisa que murmura,  
O dia que amanhece,  
A propria rosa punica  
Canta meu doce amor ;  
Só tu as minhas queixas,  
Ingrat., não respondes !  
Desperta, virgem candida,  
Desperta, linda flor !

Toda a gelada noite  
Passei contemplativo,  
Em devaneio angelico,  
Em placido seismar ;  
CrUEL ! e assim me deixas  
Tão triste e dolorido...  
Desperta, virgem candida,  
Quero-te ver e amar.

Sombra não ha na selva,  
A tua não palleja  
Sobre essa ardente lagrima  
— Filha do teu rigor ;  
Ai, tudo, tudo passa...  
Mas eu te quero sempre !  
Desperta, virgem candida,  
Desperta, linda flor !

Vinde, travessas auras,  
Que cicias macias ;  
E, em torno della, tremulas,  
Contai-lhe o meu penar !  
Levai-lhe meus suspiros,  
E repeti meu canto :  
Desperta, virgem candida,  
Quero-te ver e amar.

Interromper teu somno  
Nada consegue, nada !  
Cansado já o espirito  
Está de tanta dôr...  
Adens ! Outrem não achas,  
Que tão amante diga :  
Desperta, virgem candida,  
Desperta, linda flor !

1873.

FRANCINO CISMONTANO.

## BENEFICIOS DE AMOR

*Crescite et multiplicare.*  
( Palavras biblicas. )

Antes que a Natureza se expandisse  
Aos influxos d'Amor,  
Antes que a este orvalho abrisse o calix  
Essa mimosa flor ;

Antes, sim, que d'Amor sentisse-se a ampla  
Influencia vital ;  
Antes que o conhecesse finalmente  
O globo universal :

Tudo em todo o Creado era tristura,  
E tedio e desprazer ;  
Era um peso sem marca, um peso inutil  
E enorme este viver.

Debalde o campo em flores se expandia,  
E em perfumes a flor,  
E o pomar em mil fructos sazonados,  
E os fructos em sabor.

Debalde o azulado firmamento  
Se arreava de luz,  
Debalde florescia a Primavera  
Que ao prazer nos induz.

E' que faltava alguma coisa ainda,  
E' que faltava então  
Alguma coisa de integrante e util  
Ao mundo, a Creação.

Entre ventura tanta o primeiro homem,  
Entre tanto matiz,  
Indifferente á tudo se mostrava,  
Julgava-se infeliz.

Mas o Supremo Autor, que infindas graças  
Entornára a granel,  
Deu-lhe uma companheira carinhosa,  
Uma secia fiel.

Festivo, delirante de alegria  
A' esta apparição,  
Para logo sorrio-se o primeiro homem  
Louvando a Eterna Mão.

E' que a felicidade sua vira  
Despontar-lhe a final,  
E' que por certo se operára nelle  
Mudança sem igual.

E' que, com a mulher, com essa nova  
Feitura do Senhor,  
Todo o Creado nova vida houvera...  
E' que nascêra Amor.

Tudo então, d'improviso, em todo o Orbe,  
Em toda a Creação,  
Novo aspecto tomou. Prodigio immenso !  
Mudou-se o quadro então.

1869.

F. B.

## RECORDAÇÕES

*O wake once more ! how rude soe'er the hand  
That ventures o'er thy magic maze to stray ;  
O wake once more ! though scarce my skill command  
Some feeble echoing of thine earlier lay.*

( WALTER SCOTT. *The Lady of the Lake.* )

Vem, doce lyra, n'outro tempo prospera,  
Quando da gloria eu aspirava a meta !  
Vem, doce lyra, companheira unica  
Da triste vida do infeliz poeta !  
Antes que estale a derradeira corda,  
Vibra os sons mestos da feral canção ;  
Vibra tristonha : que relembro agora  
Os aureos dias, que bem longe vão !

Era no campo, da cidade excentrico,  
Em sitio escuso, em solidão remota,  
Do almo Ipojuca tão sereno e limpido  
A' florea margem pittoresca, ignota...  
Era no campo... na dourada quadra  
Da vida minha na verna sazão...  
Eu, não cuidadoso do porvir, gozava  
Os aureos dias, que bem longe vão.

Ora, em passeios na planície intermina,  
 No invio espinhal, no emmaranhado bosque ;  
 Ora, entre os meus, em confidencias intimas,  
 A' sombra amiga de frondoso kiosque :  
 No lar paterno, sem saber do mundo,  
 Nos passa-tempos do feliz serão,  
 Assim gostosos para mim correram  
 Os aureos dias, que bem longe vão.

Que auroras lindas ! Que manhãs esplendidas !  
 Que amenas tardes, de vapores nuas !  
 Que noites calmas, apraziveis, diaphanas !  
 Que sóes brilhantes ! Que formosas luas !  
 Que almos recreios ! Que innocentes brincos,  
 Como já agora não encontro, não !  
 Oh que suaves e ri-onhos foram  
 Os aureos dias, que bem longe vão !

Ia-me leda e fortunosa e placida  
 A tenue vela da existencia minha,  
 No mar do mundo revoltoso e turgido,  
 Prosperamente resvallando azinha ;  
 E em devaneios, e a sonhar chimeras,  
 Que venturoso que eu julguei-me então !  
 Mera utopia, que fugio — passando  
 Os aureos dias, que bem longe vão.

Foram-se os sonhos do passado lepidos,  
 Quaes folhas seccas, ou subtis e-pumas ;  
 Hoje, entre dubio, cubicoso e avido,  
 Por toda a parte só deparo brumas :  
 Mas nestas magoas do cruel presente,  
 Que lenta morte no pung'r me dão,  
 E' grato ao menos recorrer um pouco  
 Os aureos dias, que bem longe vão.

Ah ! Quem me dêra que, attendendo ás supplicas  
 Dest'alma triste, desta sombra errante,  
 O tempo, o tempo voador, alipede,  
 Retrogradasse sua marcha ovante !  
 Ah ! Quem me dêra minha infancia linda,  
 Minha Agua-Fria, meu natal torrão !  
 Ah ! Quem me dêra desfructar de novo  
 Os aureos dias, que bem longe vão !

Porém já tudo descambou no vórtice  
 Do nada informe do passado escuro...  
 Este o presente de sentidas lagrimas,  
 Além, além o vegetar futuro...  
 Em vão, queixoso, vacillante, incerto,  
 Gemo e pranteio suspirando, em vão !  
 Ah que não volta nunca mais, oh nunca,  
 Os aureos dias, que bem longe vão.

Cale-se o canto lamentoso e funebre !  
 Não mais, ó triste, desgraçada lyra !  
 Já minha mente combatida e turbida  
 Desvaira á esmo, e sem querer delira...  
 Vagas lembranças, agri doces penas,  
 Fundas saudades, que a ralar-me estão,  
 Eis o que ao pobre sonhador illusio  
 Resta dos dias, que bem longe vão !

1870.

F. B.

## A LAGRIMA

(DO INGLEZ, DE LORD BYRON)

Quando desperta as nossas sympathias  
 A Amizade, ou o Amor ; — quando a Verdade  
 Deve patentear-se a nossos olhos :  
 Illudam n. s os labios muito embora  
 Co'as barroquinhas, que sorrindo formam,  
 A prova da affeição é uma lagrima.

O sorriso não passa muitas vezes  
 De ardil da hypocrisia, que se emprega  
 Affim de desfarçar odio, ou receio ;  
 Quero o branco suspiro, quando os olhos  
 ( Vivos espelhos da alma ) por momentos  
 Enturvados estão por uma lagrima.

E' pela caridade fervorosa  
 Que nós outros mortaes, no mundo errantes,  
 A alma sensivel conhecer podemos ;  
 E a piedade, que se manifesta  
 Ao sentir tão sympathica virtude,  
 Dissolve-se em orvalho n'uma lagrima.

Condemnado a lutar co'os rijos ventos,  
 Vai no fraco baixel cortando o nauta  
 As atlanticas ondas revoltosas ;  
 Quando se curva sobre a irada vaga,  
 Que dentro em pouco sepultal-o pôde,  
 Na superficie brilha-lhe uma lagrima.

O brioso soldado afronta a morte  
 Por um louro phantastico, seguindo  
 A carreira da gloria, aventureira ;  
 Mas, si acaso baqueia sobre a liça  
 O vencido inimigo, elle o levanta  
 E banha-lhe as feridas co'uma lagrima.

Si triumphante um dia, da contenda  
 Aos braços volta da feliz esposa,  
 Depondo então a ensanguentada lança,  
 Todos os seus affans são compensados  
 Quando, cingindo a n'um amplexo estreito,  
 Da palpebra gentil beija-lhe a lagrima.

Grato asylo da minha adolescencia,  
 Asylo da amizade e da franqueza,  
 Onde o amor alegrava o lesto tempo !  
 Quando, não sem saudades, eu deixei-te  
 O ultimo volver d'olhos te lançando  
 Divisei tua torre entre uma lagrima.

Bem que á minha Maria (tão querida  
 Outr'ora ao meu amor !) eu mais não possa  
 Fazer os meus protestos de firmeza,  
 De seu jardim á fresca sombra ao menos  
 E'-me dado lembrar aquelle instante  
 Em que ella os premiava co'uma lagrima.

Possuida por outrem, nos seus braços  
 Ah possa ella viver sempre ditosa !  
 Meu coração respeitará seu nome.  
 Não sem pezares, hoje renuncio  
 Aquella que eu julgava minha outr'ora,  
 E esqueço o seu perjurio co'uma lagrima.

Fieis amigos meus, meus confidentes !  
 Antes do triste adeus da despedida,  
 O meu desejo vos direi mais doces :  
 Si acaso no retiro destes campos  
 Novamente encontrarmos-nos, ah seja  
 Como quando partimos, co'uma lagrima !

Quando minh'alma despregar o vôo  
 A's regiões da noite pavorosa,  
 E meu cadaver descambar na campa,  
 Si defronte do tumulto passardes  
 Que minhas cinzas porventura encerre,  
 Oh regai-lhe a poeira co'uma lagrima !

Nem marmores, nem esses monumentos  
De uma ostensiva dôr faustosa, insana,  
Pela vaidade humana alevantados;  
Nem a póstuma fama passageira  
O meu nome a espalhar pelo Universo:  
Desejo, e peço apenas, nma lagrima.

1874.

FRANCINO CISMONTANO.

---



---

**IMPrensa**

Acaba a nossa litteratura de ser enriquecida com um precioso e nitido volume de poesias do illustre poeta e distincto pernambucano, o Dr. Natividade Saldanha.

E' mais uma perola finissima que se engastou no nosso diadema litterario.

Nascido em Pernambuco a 8 de Setembro de 1796, o Sr. José da Natividade Saldanha cursou no Seminario de Olinda, pequena fonte de instrucção superior que tinha a nossa provincia, as aulas de humanidades, e atravessando os mares foi beber a sciencia do direito na Universidade de Coimbra.

Ahi revelou o seu talento não vulgar, e no terceiro anno de curso publicou um volumezinho de poesias, conseguindo assim juntar aos louros adquiridos no templo de Minerva os adquiridos no fertil campo da poesia.

Depois de formado regressou á sua provincia natal, onde exerceu a advogacia com pericia e probidade, até que arrastado pelo seu genio patriotico alistou-se nas fileiras revolucionarias de 1824.

Em homenagem ao seu talento e patriotismo elegeram-no secretario do governo republicano, cargo este que desempenhou com grande perspicacia.

Mallograda, porém, a revolução, salvou-se elle do patibulo, buscando abrigar-se nas plagas européas.

Expellido da França passou-se para a Inglaterra e d'ahi para os Estados-Unidos, onde não achou bom acolhimento em vista da sua côr parda.

E é este o paiz da liberdade e igualdade!!

Finalmente acabou seus dias em Venezuela, ralado de saudades pela sua patria e amigos, na flor da mocidade, quando seu genio fogoso ainda tanto promettia. E' sina de nossos melhores poetas o morrerem moços.

Ahi estão para attestar o que dizemos, Saldanha, Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Castro Alves, Gonçalves Dias, e tantos outros.

O volume de poesias de que nos occupamos foi colleccionado pelo Dr. José Augusto Ferreira Costa, e enriquecido por esse mesmo senhor com um estudo historico e biographico, em que traçando a vida do poeta, cujo resumo acima

apresentamos, descreve tambem em ligeiros traços as revoluções de 1817 e 1824.

Todas as poesias de Natividade Saldanha primam pelo gosto e arte.

Recommendamos as quatro odes pindaricas, em que o poeta canta com todo o arrojo de seu genio patriotico, os herões da restauração pernambucana, na ultima das quaes elle toca ao sublime.

Foi o primeiro brasileiro que com tanta felicidade escreveu odes pindaricas. E' tambem de admiravel belleza a elegia que do seu desterro enviou aos seus amigos, martyres tambem da revolução de 1824.

Nella vê-se o arrojo de seu genio patriotico, o seu grande amor pela liberdade, á quem votára toda sua vida e futuro.

Recommendamos, portanto, este volume de poesias aos nossos patricios, que com sua posse conseguirão o retrato de um pernambucano martyr da liberdade, as poesias de um cantor das glorias patrias e um esboço historico de um brilhante periodo da nossa heroica provincia.

\* \* \*

Recebemos com prazer um exemplar do discurso de Sr. Fortunato Pinheiro, acompanhado de um juizo critico do Sr. Fonseca e Silva. Com quanto em alguns pontos nos apartemos das idéas dos dous republicanos, todavia apreciamos os seus escriptos e enviamos-lhes parabens.

\* \* \*

Recebemos á ultima hora *O velho casamenteiro*, comedia em 1 acto, do Sr. J. Cavalcanti Ribeiro da Silva.

Agradecendo cordialmente a offerta, enviamos-lhe as nossas felicitações.

\* \* \*

Continuamos a receber durante o mez passado os jornaes: *Culto ás Lettras, Estudante Catholico, Lucta, Mocidade, Voz do Povo, Progreso, Estudo, Linguarudo, Mãe do Linguarudo, Sensitiva, Navalha e Encouraçado*.

A' todas estas redacções temos retribuido e retribuiremos com o nosso jornal.

---



---

**AVISO**

Pedimos aos nossos assignantes, que se acham em atrazo, o favor de satisfazerem quanto antes as suas assignaturas.